

### 3 CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA NA LÍNGUA TENETEHÁRA<sup>1</sup>: ANÁLISE À LUZ DA ESTRUTURA BIPARTIDA DO VP

Quesler Fagundes Camargos<sup>2</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever o processo de causativização morfológica na língua Tenetehára. Veremos que a língua disponibiliza dois morfemas causativos para realizar este processo: {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}. O prefixo {*mu-*} tem como propriedade causativizar predicados de natureza intransitiva (verbos inergativos, inacusativos, deadjetivais e denominais). O sufixo {-(*u*)*kar*}, por sua vez, se afixa a predicados transitivos. Em sentenças contendo tanto {*mu-*} quanto {-(*u*)*kar*}, o sujeito é movido para a posição de objeto e um novo argumento é introduzido na posição de sujeito. Além disso, o argumento movido para as posições de objeto adquire o traço semântico de [+afetado]. Já o novo sujeito tem a seguinte composição semântica: [+desencadeador] e [+/-controle]. Para dar conta deste processo, adoto, neste trabalho, a proposta de estrutura bipartida do VP, nos termos de Larson (1988) e Chomsky (1995). Acompanhando estes autores, proporei, para a língua Tenetehára, que os morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} são a realização morfológica do núcleo causativo v<sup>o</sup>.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas, Tenetehára, estrutura argumental, causativização.

#### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo: (i) fazer uma breve descrição da estrutura argumental da língua Tenetehára e analisar o modo como se realiza o processo de

---

<sup>1</sup> A língua Tenetehára é falada pelos índios Guajajára e Tembé. Suas aldeias estão situadas nos estados do Maranhão e do Pará, Brasil. De acordo com Rodrigues (1984/1985), esta língua pertence à família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, com bolsa da CAPES. Esta pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (FALE-UFMG). E-mail: [queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br)

causativização dos predicados intransitivos e transitivos; e (ii) investigar o estatuto gramatical dos morfemas causativos  $\{mu-\}$  e  $\{-(u)kar\}$ .

Veremos que o morfema  $\{mu-\}$  tem a propriedade de aumentar a valência verbal em um argumento, transformando verbos intransitivos em transitivos, conforme os exemplos<sup>3</sup> a seguir:

(1a) *i-ʔa*            *pako-ʔiw*      *aʔe*  
 ABS-fruta        banana-pé      ele  
 “A bananeira deu fruto” (CASTRO, 2010)

(1b) *əmən*            *u-mu-ʔa*        *pako-ʔiw*  
 chuva              3-CAUS-fruta    banana-pé  
 “A chuva fez a bananeira dar fruto” (CASTRO, 2010)

O morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ , por sua vez, se afixa a verbos transitivos, transformando-os em ditransitivos<sup>4</sup>, conforme os dados a seguir:

(2a) *ere-esak*        *zawar*  
 2SG-ver            cachorro  
 “Você viu o cachorro” (HARRISON, 1995, p. 96)

(2b) *a-esak-kar*      *zawar*            *ne*      *ø-we*  
 1-ver-CAUS        cachorro        tu        c-por  
 “Eu te mostrei o cachorro” (HARRISON, 1995, p. 96)

É de se notar que, em (1) e (2), os sujeitos dos verbos intransitivos e transitivos são destituídos da posição de sujeito para ocupar as posições de objeto e adjunto, respectivamente, enquanto que a causativização introduz um novo sujeito na estrutura argumental. Em termos mais formais, acompanhando a proposta de Larson (1988), o propósito deste artigo é verificar se esses dois morfemas podem ser

<sup>3</sup> Abreviaturas utilizadas ao longo do trabalho: 1: Prefixo de primeira pessoa; 2: Prefixo de segunda pessoa; 3: Prefixo de terceira pessoa; A: Sujeito de transitivos; ABS: Caso absolutivo; ARG: Sufixo que marca posições argumentais; AUM: Aumentativo; C: Prefixo de contiguidade; CAUS: Morfema causativo; COMP: Complementizador; CORR: Prefixo correferencial; DESID: Desiderativo; DIM: Diminutivo; ENF: Enfático; EXCL: Exclusivo; FOC: Foco; FUT: Partícula que marca futuro; GEN: Prefixo genérico; INCL: Inclusivo; INTS: Intensificador; NC: Prefixo de não contiguidade; NEG: Afixo de negação; NOML: Nominalizador; O: Objeto de transitivos; PASS: Partícula que marca passado; PL: Plural; RED: Reduplicante; Sa: Sujeito de inergativos; SG: Singular; So: Sujeito de inacusativos (deadjetivais).

<sup>4</sup> A estrutura dos verbos ditransitivos é composta por três argumentos, a saber: sujeito, objeto direto e o objeto indireto. Exemplo em português: João colocou o livro na mesa. Exemplo em inglês: John gave me a book.

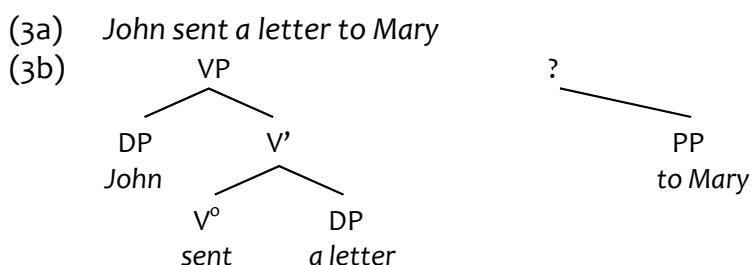
realmente interpretados como sendo a realização morfológica do núcleo causativo  $v^0$  em predicados transitivos. Este trabalho se baseia nas propostas de Larson (1988), Chomsky (1995) e Hale e Keyser (1993, 2002).

Além desta introdução, o texto está organizado em quatro seções. Na seção 1, discutimos o quadro teórico que fundamentará a análise. Na seção 2, expomos descritivamente o processo de causativização de predicados intransitivos e transitivos. Na seção 3, analisamos o processo de causativização à luz do quadro teórico adotado. Por fim, na última seção, finalizamos com as considerações finais.

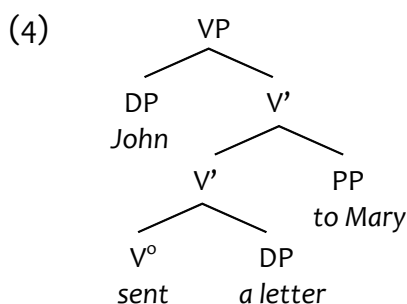
## 1 QUADRO TEÓRICO

Os primeiros argumentos a favor de uma estrutura verbal bipartida estão presentes no trabalho de Larson (1988). De acordo com o autor, há necessidade de se propor uma estrutura argumental complexa, bipartida para o sintagma verbal, visto que o modelo estrutural do VP simples não suporta coerentemente as configurações de verbos ditransitivos.

Verbos dessa natureza, constituídos por um argumento externo e dois argumentos internos, são um problema tanto teórico quanto empírico, uma vez que a estrutura do VP simples dispõe de apenas duas posições argumentais nucleares. Sendo assim, os verbos ditransitivos teriam um terceiro argumento nuclear não alocado na estrutura argumental, conforme podemos observar na configuração arbórea em (3).



Para dar conta da estrutura acima, de acordo com Larson (1988), Barss e Lasnik (1986) afirmam que se poderia propor que este terceiro argumento nuclear fosse adjungido ao nível intermediário  $V'$ , conforme a derivação a seguir:



Contudo, Larson (1988) mostra que, seguindo Barss e Lasnik (1986), há uma assimetria no comportamento dos dois objetos em construções de objeto duplo<sup>5</sup>. Segundo os autores, a estrutura em (4) resultaria em uma relação errada de c-comando<sup>6</sup>. Veja a seguir uma construção de objeto duplo apresentando assimetria devido ao licenciamento da anáfora.

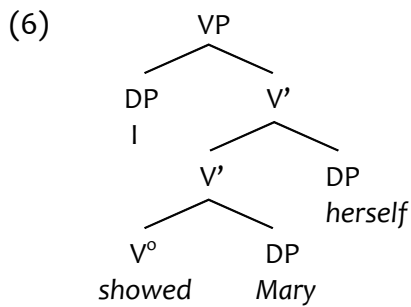
(5a) *I showed Mary herself.*

(5b) *\*I showed herself Mary.*

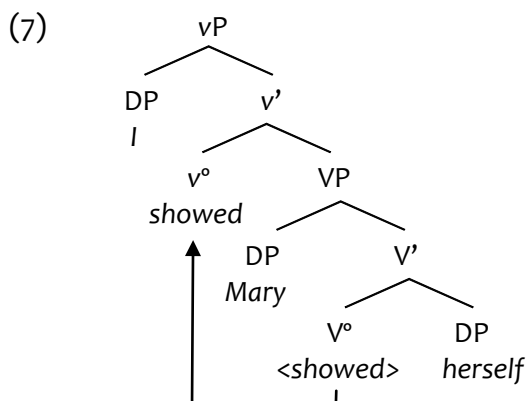
O exemplo (5a) é gramatical e o (5b) é agramatical porque o pronome reflexivo *herself* (anáfora) deve ser c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, conforme propõe Larson (1988). Portanto, a estrutura em (4) seria inadequada para exprimir essa relação de c-comando, como podemos ver a seguir. Note que, apesar de ser gramatical, o pronome reflexivo *herself* não é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*.

<sup>5</sup> “Barss and Lasnik (1986) point out a number of important asymmetries in the behavior of the two objects in double object constructions. All involve phenomena in which constituent structure relations – specifically, c-command – have been assumed to play a central role.” (LARSON, 1988, p. 336). Tradução: Barss e Lasnik (1986) apresentam uma série de importantes assimetrias no comportamento dos dois objetos em construções de objeto duplo. Todos envolvem fenômenos em que as relações estruturas entre os constituintes - especificamente, c-comando - foram assumidas para desempenhar um papel central.

<sup>6</sup> Mioto, Silva e Lopes (2005, p. 52) ilustram a relação de c-comando da seguinte forma: “ $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se  $\beta$  é o irmão de  $\alpha$  ou filho (ou neto, bisneto...) do irmão de  $\alpha$ ”. Ou também, a definição mais clássica de c-comando, nos termos de Mioto, Silva e Lopes (2005, p. 52), é dada a seguir: (i)  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se: a.  $\alpha$  não domina  $\beta$  nem  $\beta$  domina  $\alpha$ ; b. cada nó ramificante  $\gamma$  que domina  $\alpha$  também domina  $\beta$ .



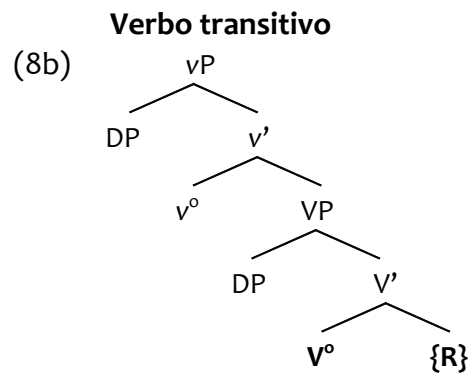
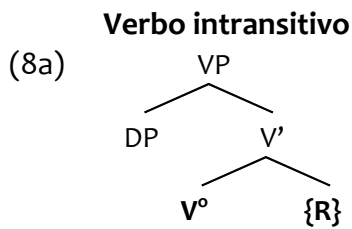
Larson (1988), por sua vez, propõe a estrutura argumental complexa, em que cada núcleo lexical projeta um nível sintagmático acima. Essa estrutura, adotada posteriormente no Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995), é complexa porque possui dois VPs distintos. O mais baixo possui um núcleo lexical  $V^{\circ}$ , enquanto o vP mais alto possui um núcleo leve e causativo<sup>7</sup>, conforme o esquema em (7).



Podemos notar agora que, na estrutura apresentada em (7), o pronome reflexivo *herself* é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*. O verbo *showed* é gerado em  $V^{\circ}$  e move-se para o núcleo *light verb*.

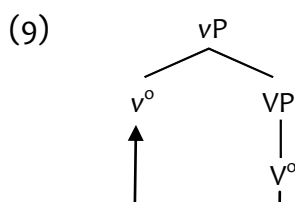
A complexidade da estrutura interna do sintagma verbal não se limita à proposta bipartida do VP de Larson (1988). De acordo com Hale e Keyser (1993, 2002), esses verbos também são formados a partir da fusão de uma raiz a um núcleo sintático. Para que um verbo seja formado, é imprescindível que haja um núcleo  $V^{\circ}$  e uma raiz {R}, conforme ilustram as configurações arbóreas abaixo.

<sup>7</sup> Segundo Lopes (2009), quando se observam as construções causativas nas línguas, percebe-se que o núcleo causativo pode apresentar três realizações distintas, a saber: (i) semântica, quando ele se realiza em um nível abstrato e não fonético; (ii) morfológica, quando ocorrem processos morfológicos internos na palavra; (iii) sintática, quando a língua utiliza um verbo auxiliar.



Nessas configurações sintáticas, observamos que a raiz {R} é de suma importância, visto que ela é quem carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo. E será também por meio da composicionalidade e da operação *conflation* que as propriedades da raiz determinarão a valência do verbo, conforme podemos observar pela diferença entre a estrutura argumental dos verbos intransitivos e transitivos, em (8a) e (8b), respectivamente.

Larson (1988) afirma que o verbo leve  $v^{\circ}$  é o núcleo do complexo verbal da concha  $v$ -VP, conforme (8b). Ou seja, de acordo com Hale e Keyser (1993, 2002), um determinado núcleo pode se incorporar a outro núcleo e, em sucessivas incorporações, formar um composto. Portanto, a operação sintática *conflation* pode ser agrupada na proposta da estrutura bipartida do VP de Larson (1988), na medida em que a matriz fonológica de  $V^{\circ}$  for transferida para o núcleo do verbo causativo  $v^{\circ}$ , conforme a estrutura em (9).



De acordo com Hale e Keyser (2002), *conflation* se refere à fusão de núcleos sintáticos de forma que a derivação da matriz fonológica do núcleo de um complemento é inserida dentro do núcleo, vazio ou afixal, que o governa, dando origem a uma única palavra, que pode ser: um verbo denominal, quando o núcleo que entra em *conflation* é N; um verbo deadjetival, quando o núcleo é um A; e assim por diante.

Hale e Keyser (2002) defendem que *conflation* é um processo que ocorre na derivação das estruturas sintáticas concomitantemente com o processo de *Merge*, operação que é fundamental para definir a projeção da sintaxe que vem do léxico<sup>8</sup>. Logo, *conflation* e *Merge* têm acesso aos mesmos elementos linguísticos. Especificamente, *conflation* tem referência aos rótulos sintáticos. Diante disso, Hale e Keyser (2002, p. 63, tradução nossa) definem *conflation* da seguinte forma:

### **Conflation**

- (10) “*Conflation* consiste no processo de cópia da matriz fonológica do complemento dentro da matriz fonológica do núcleo, onde o último é ‘defectivo’”.<sup>9</sup>

Hale e Keyser (2002) ainda afirmam que a operação *conflation* não pode se realizar levando em consideração apenas as relações de c-comando, uma vez que esta noção permitiria uma derivação incorreta. Dessa forma, os autores propõem que *conflation* é uma operação sintática que corresponde a uma relação de Complementação Estrita (*Strict Complementation*), conforme apresentado em (11).

### **Complementação Estrita**

- (11) “Um núcleo X é o complemento estrito de um núcleo Y se e somente se Y está em uma relação mútua de c-comando (ou seja, irmandade) com a projeção categorial máxima de X”<sup>10</sup> (HALE; KEYSER, 2002, p. 59, tradução nossa).

## **2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Em Tenetehára, o processo de causativização se realiza por meio do acréscimo de morfemas a radicais intransitivos e transitivos. Este processo aumenta a valência do verbo em um argumento, de forma que o novo argumento ocupará a

---

<sup>8</sup>“We would like to take seriously the idea that conflation is a concomitant of Merge, the operation that is fundamental in defining the projection of syntax from the lexicon.” (HALE E KEYSER, 2002, p. 60). Tradução: Gostaríamos de levar a sério a ideia de que *conflation* é concomitante ao *Merge*, operação que é fundamental na definição da projeção da sintaxe que vem do léxico.

<sup>9</sup> No original: “Conflation consists in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is ‘defective’”.

<sup>10</sup> No original: “A head X is the strict complement of a head Y if Y is in a mutual c-command (i.e., sister) relation with the maximal categorial projection of X.”

posição de sujeito. O sujeito original é demovido para outras posições na estrutura argumental.

O prefixo {*mu-*}, em geral, aumenta a valência de verbos intransitivos (inergativos, inacusativos, deadjetivais e denominais) transformando-os em verbos transitivos. Por sua vez, o sufixo causativo {-(*u*)*kar*} curiosamente se junta a verbos transitivos, transformando-os em verbos ditransitivos.

## 2.1 Prefixo causativo {*MU-*}

### 2.1.1 Causativização de verbos inergativos

Os verbos intransitivos ativos<sup>11</sup> são caracterizados por selecionar um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas<sup>12</sup> de [+desencadeador] e [+controle] e também por receber os prefixos nominativos<sup>13</sup>, conforme os exemplos a seguir:

(12) *w-ata*            *o-ho*  
       3-caminhar    3-ir  
       “Ele vai indo” (BOUDIN, 1978, p. 39)

(13) *aʔe*             *w-awak*  
       ele             3-acenar  
       “Ele acena” (CASTRO, 2007, p. 25)

Em termos semânticos, sobre o processo de causativização na língua Kamaiurá<sup>14</sup>, de acordo com Seki (2000, p. 379), as derivações resultantes de radicais intransitivos ativos têm a significação “fazer X”. Vejamos os exemplos na língua Tenetehára, a seguir.

<sup>11</sup> Os intransitivos ativos correspondem, em parte, aos verbos que a sintaxe gerativa convencionou chamar de inergativos. Em geral, cobrem os verbos do tipo de *dançar, trabalhar, nadar, viajar*, etc.

<sup>12</sup> Para a descrição das propriedades semânticas, levaremos em consideração a proposta de Cançado (2005), segundo a qual os papéis temáticos são compostos por quatro propriedades semânticas, que podem composicionalmente formar um papel temático: [+/-desencadeador]; [+/-controle]; [+/-afetado]; e [+/-estativo].

<sup>13</sup> A série de prefixos nominativos pode ser vista no Anexo A.

<sup>14</sup> A língua Kamaiurá pertence à mesma família linguística da língua Tenetehára, a saber: Tupí-guaraní.



- (14a) *w-ata zumen*  
3-andar jumento  
“O jumento andou” (CASTRO, 2010)
- (14b) *u-mu-ata kwaraher t-u*  
3-CAUS-andar menino GEN-pai  
“O pai fez o menino andar” (CASTRO, 2010)
- (15a) *a-po-apor*  
1-pular-RED  
“Eu pulo (dou pulos – iterativo)” (BOUDIN, 1978, p. 211)
- (15b) *a-mo-po-por mani?o-piw tepiti ø-wi*  
1-CAUS-pular-RED mandioca-mole tipiti c-de  
“Extraio a massa da mandioca do tipiti” (BOUDIN, 1978, p. 149)

Nota-se nos exemplos acima que, quando os verbos inergativos recebem o morfema causativo {*mu-*}, o predicado passa a projetar dois argumentos nucleares. Em (14b), o DP *t-u* ‘o pai’ é introduzido na posição de sujeito com as propriedades de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado], enquanto que o DP *kwaraher* ‘o menino’ passa a ocupar a posição de objeto com as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [+afetado]. Em (15b), por sua vez, o argumento de primeira pessoa do singular, realizado pelo prefixo verbal nominativo {*a-*}, é inserido na posição de sujeito com as propriedades de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado], ao passo que o DP *mani?o-piw* ‘a massa da mandioca’ passa a ocupar a posição de objeto com a propriedade de [+afetado].

### 2.1.2 Causativização de verbos inacusativos

Os verbos intransitivos inativos<sup>15</sup> são caracterizados por selecionar um argumento na posição de sujeito com a propriedade semântica de [+afetado] e receber os prefixos nominativos, conforme os exemplos a seguir:

- (16) *iwira u-məno*  
árvore 3-morrer  
“O pau secou” (BOUDIN, 1978, p. 128)

<sup>15</sup> Os intransitivos inativos correspondem, em parte, aos verbos que a sintaxe gerativa convencionou chamar de inacusativos. Em geral, cobrem os verbos do tipo de *morrer*, *cair*, *chegar*, *aparecer* etc.

- (17) *a-ʔar*            *he*            *ø-kuʔa*            *ø-wi*  
 1-cair            minha            c-cintura            c-de  
 “Eu caí de lado” (BOUDIN, 1978, p. 35)

Semanticamente, as derivações resultantes de verbos inacusativos têm a significação “fazer X”, conforme os exemplos a seguir.

- (18a) *u-pirik*            *ʔi*  
 3-pingar            água  
 “A água pinga” (CASTRO, 2010)

- (18b) *u-mu-pirik*            *kwaraher*            *ʔi*  
 3-CAUS-pingar            menino            água  
 “O menino borrifa a água” (CASTRO, 2010)

- (19a) *u-məno*            *mutuk*  
 3-morrer            mutuca  
 “A mutuca morreu” (CASTRO, 2010)

- (19b) *u-mu-məno*            *awa*            *zəwər-uhu*  
 3-CAUS-morrer            homem            cachorro-grande  
 “O homem matou a onça” (CASTRO, 2010)

Devido à causativização dos verbos inacusativos, em (18b), o DP *kwaraher* ‘o menino’ é introduzido na posição de sujeito com as propriedades de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado], enquanto que o DP *ʔi* ‘a água’ passa a ocupar a posição de objeto, mantendo a propriedade de [+afetado]. Em (19b), por sua vez, o DP *awa* ‘o homem’ é inserido na posição de sujeito com as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado], ao passo que o DP *zəwər-uhu* ‘a onça’ passa a ocupar a posição de objeto com a propriedade de [+afetado].

### 2.1.3 Causativização de verbos deadjetivais

Os verbos deadjetivais<sup>16</sup> são caracterizados por selecionar um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas de [+estativo],

<sup>16</sup> Os verbos deadjetivais, em Tenetehára, pertencem à classe de verbos estativos (verbos que descrevem um estado e uma situação não dinâmica).

como em (20), ou [+afetado], como em (21), e ainda receber os prefixos absolutivos  $\{\emptyset - \infty r -\}$  e  $\{i - \infty h -\}$ .

(20) *kwaharer*     *i-tuaʔu*  
criança            ABS-velho  
“A criança está crescida” (NUPELLI, 2006)

(21) *kwaharer*     *i-tuaʔu*            *i-ko*  
criança            ABS-velho            ABS-estar  
“A criança está crescendo” (NUPELLI, 2006)

Em termos semânticos, Seki (2000, p. 379) afirma que as “derivações resultantes de radicais descritivos [ou seja, deadjetivais] têm a significação ‘fazer ser X, tornar X’”, conforme os exemplos a seguir.

(22a) *i-azu*            *nəʀəj*  
ABS-maduro      laranja  
“A laranja está madura” (CASTRO, 2010)

(22b) *u-mu-azu*            *kwarahí*            *zurumu*  
3-CAUS-maduro      sol                    abóbora  
“O sol fez a abóbora ficar madura” (CASTRO, 2010)

(23a) *tata*    *h-aku*  
fogo    ABS-quente  
“O fogo está quente” (BOUDIN, 1978, p. 55)

(23b) *miŋaʔu*            *a-mo-aku-ir*  
mingau            1-CAUS-quente-NEG  
“Eu faço esfriar o mingau” (BOUDIN, 1978, p. 139)

Duarte e Castro (2010, p. 52), sobre o Tenetehára, afirmam que “esse prefixo [causativo  $\{mu-\}$ ] possui a propriedade de aumentar a valência de verbos [...] descritivos [i.e. deadjetivais], transformando-os em predicados transitivos”. Assim, no exemplo em (22b), o sujeito *kwarahí* ‘o sol’ recebe as propriedades semânticas de [+desencadeador], [-controle] e [-afetado]. Em (23b), o sujeito de primeira pessoa do singular<sup>17</sup> recebe as propriedades de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado]. Os

<sup>17</sup> No exemplo em (23b), o sujeito pode ser recuperado por meio do prefixo verbal nominativo de primeira pessoa do singular, a saber:  $\{a-\}$ .

objetos, por sua vez, recebem a propriedade de [+afetado], como *zurumu* ‘abóbora’ em (22b) e *miŋaʔu* ‘mingau’ em (23b).

Antes da causativização, os verbos deadjetivais acionam na raiz verbal a série de prefixos absolutivos:  $\{\emptyset- \infty r-\}$  e  $\{i- \infty h-\}$ , conforme os exemplos em (20), (21), (22a) e (23a). Curiosamente, quando são causativizados, os novos verbos transitivos passam a acionar a série de prefixos nominativos<sup>18</sup>: o prefixo  $\{u-\}$  em (22b) e o prefixo  $\{a-\}$  em (23b). Ou seja, quando o processo de causativização ocorre em um verbo deadjetival, o sistema de marcação de Caso é alterado.

#### 2.1.4 Causativização de verbos denominais

Os verbos denominais são caracterizados por ter um nome no núcleo do predicado, selecionar um argumento na posição de sujeito com a propriedade semântica de [+estativo] e receber os prefixos absolutivos, conforme os exemplos abaixo.

(24) *na-he=r-u-j*  
 NEG-eu=ABS-pai-NEG  
 “Eu não tenho pai” (BOUDIN, 1978, p. 273)

(25) *ko kuzə na-i-kamíj*  
 esta mulher NEG-ABS-leite-NEG  
 “Esta mulher não tem leite” (BOUDIN, 1978, p. 96)

Semanticamente, segundo Seki (2000, p. 379), “a adição do prefixo [causativo] a radicais nominais deriva formas com a significação fazer ter X, prover de”. Já no caso de nominais possuíveis, o prefixo causativo, segundo a autora (2000, p. 379), deriva formas com a significação de “fazer ser X, transformar em X”. Os exemplos a seguir mostram a derivação causativa a partir de verbos denominais.

(26a) *tamanuwa h-er aʔe*  
 tamanduá ABS-nome ele  
 “Tamanduá é o nome dele” (DUARTE, 2009, p. 15)

<sup>18</sup> O paradigma completo dos prefixos verbais nominativos e absolutivos pode ser visto no Anexo A.

- (26b) *u-mu-er*                    *tamanuwa*  
 3-CAUS-nome                    tamanduá  
 “Ele o nomeou de tamanduá” (NUPELI, 2006)
- (27a) *i-ʔa*                    *pako-ʔiw*                    *aʔe*  
 ABS-fruta                    banana-pé                    ele  
 “A bananeira deu fruto” (CASTRO, 2010)
- (27b) *əmən*                    *u-mu-ʔa*                    *pako-ʔiw*  
 chuva                    3-CAUS-fruta                    banana-pé  
 “A chuva fez a bananeira dar fruto” (CASTRO, 2010)

Devido à causativização, em (26b), o sujeito de terceira pessoa do singular<sup>19</sup> recebe as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado]. Em (27b), o sujeito *əmən* ‘a chuva’ recebe as propriedades semânticas de [+desencadeador], [-controle] e [-afetado]. Os objetos, por sua vez, recebem a propriedade de [+afetado], como *tamanuwa* ‘o tamanduá’, em (26b), e *pako-ʔiw* ‘a bananeira’, em (27b).

Assim como ocorre com os verbos deadjetivais, antes da causativização, os verbos denominais acionam na raiz verbal os prefixos absolutivos: { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} e {i-  $\infty$  h-}, conforme os exemplos em (24), (25), (26a) e (27a). Quando são causativizados, os novos verbos transitivos passam a acionar a série de prefixos nominativos, a saber: o prefixo {u-} em (26b) e (27b). Ou seja, a causativização desencadeia a mudança no sistema de marcação de Caso.

## 2.2 Sufixo causativo {-(U)KAR}

### 2.2.1 Causativização de transitivos simples

O sufixo causativo {-(u)kar} tem a propriedade de acrescentar um terceiro argumento a um predicado transitivo simples. Neste contexto, o argumento que ocupa a posição de sujeito passa a ocupar a posição de oblíquo e um novo argumento é inserido na posição de sujeito. O objeto direto do verbo transitivo mantém sua

<sup>19</sup> No exemplo em (26b), o sujeito pode ser recuperado por meio do prefixo verbal nominativo de terceira pessoa do singular, a saber: {u-}.

função sintática inalterada após a causativização. O processo de causativização dos verbos transitivos na língua Tenetehára pode ser assim descrito<sup>20</sup>:

QUADRO 1  
Função dos D/NPs

FUNÇÃO DO D/NP NA ORAÇÃO TRANSITIVA	FUNÇÃO DO D/NP NA ORAÇÃO DITRANSITIVA CAUSATIVIZADA
A	A <sub>DESENCADEADOR/CAUSER</sub>
O	DAT <sub>CAUSEE</sub>
O	O

Em termos semânticos, a adição do morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  a radicais transitivos deriva formas com a significação “fazer X”, “mandar X” ou “pedir X”. Os exemplos a seguir demonstram a causativização dos verbos transitivos simples por meio deste sufixo.

(28a) *ere-esak      zawar*  
2SG-ver      cachorro  
“Você viu o cachorro” (HARRISON, 1995, p. 96)

(28b) *a-esak-kar      zawar      ne      ø-we*  
1-ver-CAUS      cachorro      tu      c-por  
“Eu te mostrei o cachorro” (HARRISON, 1995, p. 96)  
[Lit.: Eu fiz você ver o cachorro]

(29a) *zwã      u-zuka      tapiʔir*  
João      3-matar      anta  
“João matou a anta” (BOUDIN, 1978, p. 336)

(29b) *aʔe      u-zuka-ukar      tapiʔir      zwã      ø-pe*  
ele      3-matar-CAUS      anta      João      c-por  
“Ele mandou João matar a anta” (BOUDIN, 1978, p. 281)

Os argumentos introduzidos nas posições de sujeito, como o pronome de primeira pessoa do singular<sup>21</sup>, em (28b), e *aʔe* ‘ele’, em (29b), carregam as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado]. Os objetos

<sup>20</sup> Adotamos neste trabalho a terminologia proposta por Dixon (1979): o termo (A) refere-se ao sujeito de verbo transitivo; (ii) o termo (S) ao sujeito de verbo inacusativo e inergativo; (iii) o termo (O) ao objeto de verbo transitivo.

<sup>21</sup> No exemplo em (28b), o sujeito pode ser recuperado por meio do prefixo verbal nominativo de primeira pessoa do singular, a saber:  $\{a-\}$ .

mantêm a propriedade semântica de [+afetado], como *zawar* ‘o cachorro’, em (28b), e *tapiʔir* ‘a anta’, em (29b). E, por fim, os sujeitos dos verbos transitivos iniciais, promovidos a oblíquo<sup>22</sup>, recebem as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [+afetado], como *ne* ‘tu’, em (28b), e *zwã* ‘João’, em (29b).

### 2.2.2 Causativização de transitivos causativizados

É importante ressaltar que o sufixo causativo  $\{-(u)kar\}$  também pode se juntar a verbos transitivos previamente causativizados pelo prefixo  $\{mu-\}$ . De modo geral, as relações morfossintáticas e semânticas, vistas até agora, são as mesmas, conforme podemos visualizar nos exemplos a seguir.

(30a) *i-aŋaiw*      *kuzə*  
 ABS-magro      mulher  
 “A mulher está magra” (CASTRO, 2010)

No exemplo em (30a), há um verbo deadjetival, *aŋaiw* ‘ser magro’, que aciona o prefixo absoluto  $\{i-\}$  e que seleciona apenas um argumento com a propriedade semântica de [+estativo], a saber: *kuzə* ‘a mulher’.

(30b) *u-mu-aŋaiw*      *kuzə*      *maʔe-ahí*  
 3-CAUS-magro      mulher      coisa-dor  
 “A doença fez a mulher ficar magra” (CASTRO, 2010)

No dado em (30b), o verbo deadjetival inicial é causativizado, passando, portanto, a projetar dois argumentos nucleares. O sujeito inicial, *kuzə* ‘mulher’, é movido para a posição de objeto, alterando sua propriedade para [+afetado]. O novo sujeito, *maʔe-ahí* ‘a doença’, recebe as propriedades semânticas de [+desencadeador], [-controle] e [-afetado].

(30c) *u-mu-aŋaiw-kar*      *awa*      *urumə*      *ne*       $\emptyset$ -*we*  
 3-CAUS-magro-CAUS      homem      pato      tu      c-por  
 “O homem te mandou fazer o pato ficar magro” (CASTRO, 2010)

<sup>22</sup> De acordo com Boudin (1978, p. 379), a posposição *-pe* ‘por’ pode ter as seguintes variações em Tenetehára, a saber: *-pe* ou *-we*.

Finalmente, no exemplo (30c), o objeto inicial, *urumə* ‘o pato’, além de manter sua função sintática inalterada, conserva sua propriedade semântica inicial, ou seja, [+afetado]. O sujeito inicial, a saber: *ne* ‘tu’, é movido para a posição de adjunto e recebe as propriedades de [+desencadeador], [+controle] e [+afetado]. Por fim, o novo argumento inserido na posição de sujeito, *awa* ‘o homem’, recebe as propriedades semânticas de [+desencadeador], [+controle] e [-afetado].

### 2.3 Propriedade semântica

Acompanhando a proposta de Cançado (2005) e considerando o que os dados apresentados nesta seção apontam, pode-se observar que o novo argumento inserido pelo processo de causativização, por meio do prefixo {*mu-*} ou do sufixo {-(*u*)*kar*}, recebe a seguinte composição semântica:

QUADRO 2  
Propriedades semânticas dos argumentos  
inseridos pela causativização

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS	MORFEMA { <i>mu-</i> }	MORFEMA {-( <i>u</i> ) <i>kar</i> }
Desencadeador	+	+
Controle	+/-	+/-
Afetado	-	-
Estativo	-	-

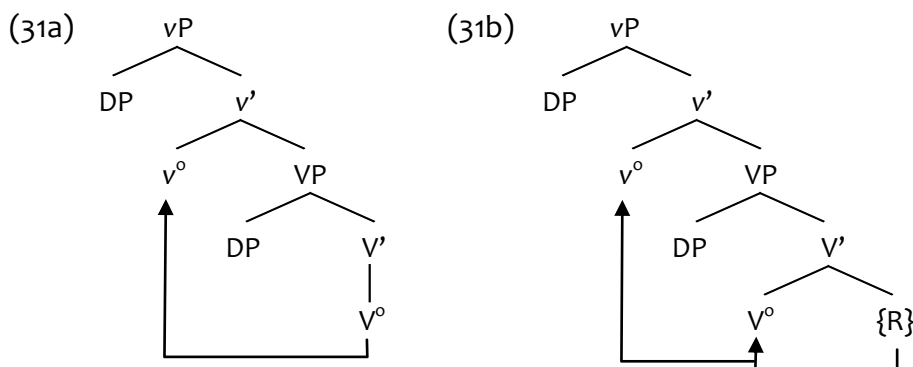
Consequentemente, por causa dessa causativização, os sujeitos originais de predicados intransitivos e transitivos são movidos de sua posição para a função de objeto e de oblíquo, respectivamente, tendo suas funções semânticas alteradas. De modo geral, o argumento movido ganha o traço semântico de [+afetado].



### 3 HIPÓTESE TEÓRICA

#### 3.1 Morfema causativo {MU-}

Acompanhando Larson (1988), Chomsky (1995) e Hale e Keyser (1993, 2002), proponho, neste artigo, que a estrutura bipartida do VP ocorre em predicados transitivos causativizados em Tenetehára, conforme as derivações em (31).

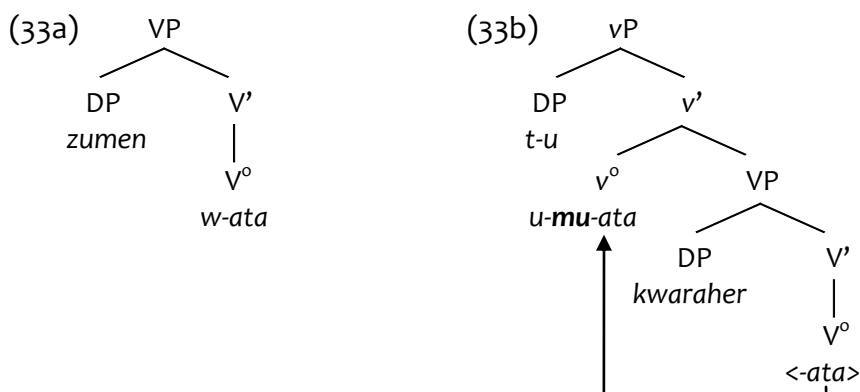


De acordo com Hale e Keyser (1993), os verbos inergativos em inglês não podem ser submetidos ao processo de causativização. Tal processo resultaria em sentenças agramaticais. Na língua Tenetehára, entretanto, é perfeitamente gramatical este fenômeno, conforme propõem Duarte e Castro (2010). Segundo os autores, o prefixo {*mu-*} pode afixar-se a verbos inergativos, transformando-os em transitivos. Assim, para dar conta dos dados em (14), repetidos abaixo, e (15), adotamos a estrutura configuracional em (31a).

(32a) *w-ata*            *zumén*  
 3-andar            jumento  
 “O jumento andou” (CASTRO, 2010)

(32b) *u-mu-ata*            *kwaráher*    *t-u*  
 3-CAUS-andar            menino        GEN-pai  
 “O pai fez o menino andar” (CASTRO, 2010)

Nos exemplos em (32), podemos notar que o verbo inergativo *-ata* ‘caminhar’ sofre o processo de *conflation* com o núcleo causativo  $v^{\circ}$ , resultando no verbo transitivo *-mu-ata* ‘fazer caminhar’, conforme (33b).



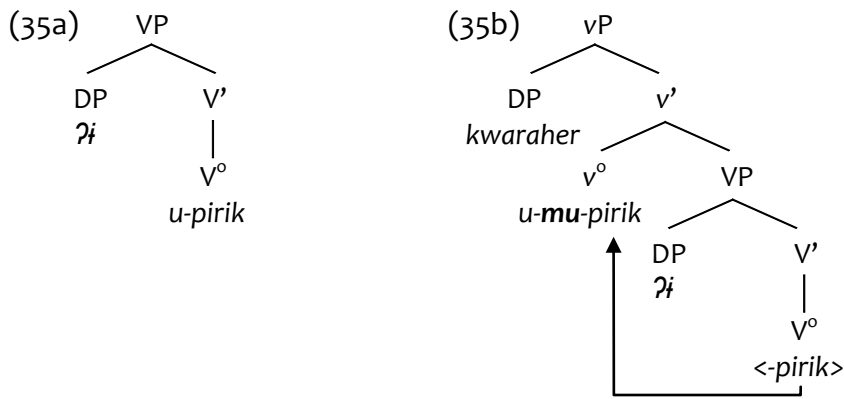
Como explicamos na seção anterior, em (33a), *zumen* ‘jumento’, gerado em Spec de VP, por ser o único argumento nuclear do verbo *-ata* ‘caminhar’, desempenha a função de sujeito. Em (33b), contudo, o argumento gerado nessa posição, o DP *kwaraher* ‘o menino’, passa a exercer a função de objeto, visto que um novo argumento *t-u* ‘pai’ é inserido em Spec de vP, passando a preencher a função sintática de sujeito.

Além dos verbos inergativos, os verbos inacusativos também podem ser causativizados por meio do morfema {*mu-*}. Logo, para dar conta dos dados em (18), repetidos abaixo, e (19), adotamos a estrutura configuracional em (31a).

(34a) *u-pirik*            *ʔi*  
 3-pingar            água  
 “A água pinga” (CASTRO, 2010)

(34b) *u-mu-pirik*            *kwaraher*    *ʔi*  
 3-CAUS-pingar            menino      água  
 “O menino borrija a água” (CASTRO, 2010)

Nos exemplos em (34), podemos notar que o verbo inacusativo *-pirik* ‘pingar’ sofre o processo de *conflation* com o núcleo causativo *v°*, resultando no verbo transitivo *-mu-pirik* ‘borrifar (= fazer pingar)’, conforme (35b).



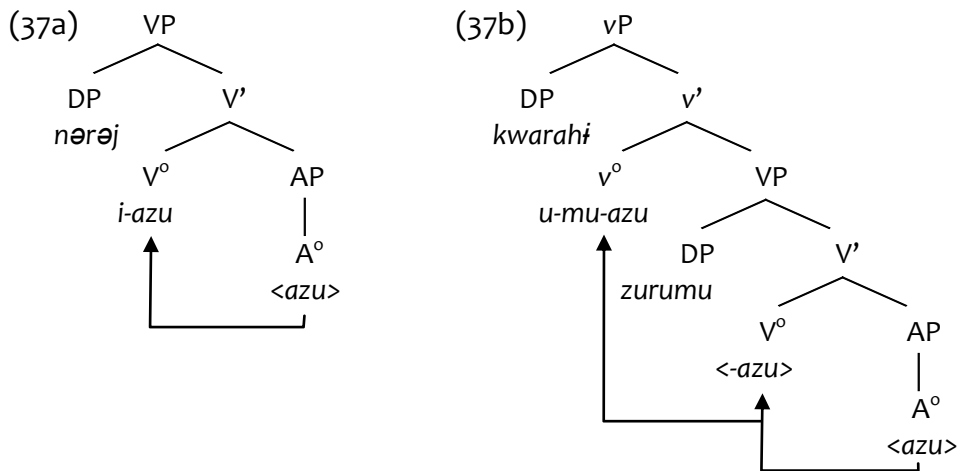
Em (35a), o DP ʔi ‘a água’, por ser o único argumento nuclear do verbo *-pirik* ‘pingar’, exerce a função de sujeito do verbo inacusativo. Em (35b), todavia, este DP passa a desempenhar a função de objeto, visto que um novo argumento *kwaraher* ‘o menino’ é inserido em Spec de vP. Este novo DP passará a exercer a função de sujeito.

Diferente dos verbos inergativos e inacusativos, de acordo com Hale e Keyser (2002), os verbos deadjetivais possuem geralmente em sua base raízes adjetivais. Por meio da operação *conflation*, um determinado núcleo A° se junta ao núcleo V° para formar o verbo deadjetival. Posteriormente, este verbo intransitivo pode se juntar ao núcleo causativo v°. Portanto, adotamos a estrutura configuracional em (31b) para dar conta dos dados em (22), repetidos abaixo, e (23).

(36a) *i-azu*            *nəɾəj*  
 ABS-maduro    laranja  
 “A laranja está madura” (CASTRO, 2010)

(36b) *u-mu-azu*            *kwarahɨ*            *zurumu*  
 3-CAUS-maduro        sol                    abóbora  
 “O sol fez a abóbora ficar madura” (CASTRO, 2010)

Podemos notar que, em (36), o adjetivo *-azu* ‘maduro’ sofre o processo de *conflation* com o núcleo V°, resultando no verbo deadjetival *-azu* ‘estar maduro’, conforme ilustra a derivação em (37a). Já em (37b), este verbo deadjetival sofre novo processo de *conflation* com o núcleo causativo v°, resultando então no verbo transitivo *-mu-aku* ‘fazer esquentar’.



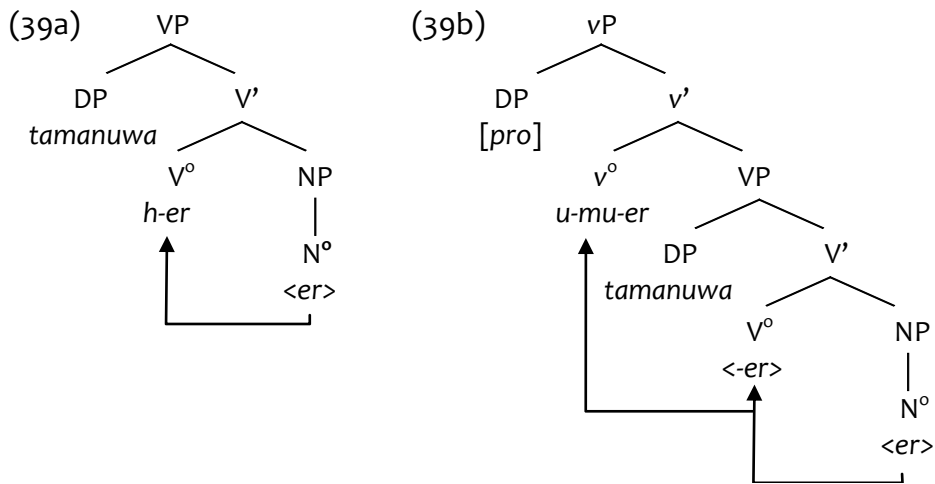
Em (37a), *nəɾəj* ‘a laranja’, por ser o único argumento nuclear do verbo *-azu* ‘estar maduro’, exerce a função de sujeito. Em (37b), contudo, o argumento em Spec de VP passa a exercer a função de objeto, visto que um novo argumento *kwarahí* ‘o sol’ é inserido em Spec de vP. Este novo DP passará a exercer a função sujeito.

Por fim, de acordo com Hale e Keyser (2002), os verbos denominais possuem em sua base raízes nominais. Por meio da operação *conflation*, um determinado núcleo  $N^0$  se move para o núcleo  $V^0$  a fim de formar o verbo denominal. Depois, este verbo intransitivo pode se juntar ao núcleo causativo  $v^0$ , formando um verbo transitivo. Portanto, adotamos a estrutura em (31b) para dar conta dos exemplos em (26), repetidos abaixo, e (27).

(38a) *tamanuwa h-er aʔe*  
 tamanduá ABS-nome ele  
 “Tamanduá é o nome dele” (DUARTE, 2009, p. 15)

(38b) *u-mu-er tamanuwa*  
 3-CAUS-nome tamanduá  
 “Ele o nomeou de tamanduá” (BOUDIN, 1978, p. 156)

Podemos notar que, em (38), o NP *-er* ‘nome’ sofre o processo de *conflation* com o núcleo  $V^0$ , resultando no verbo denominal *-er* ‘ter nome’, conforme ilustra a derivação em (39a). Já em (39b), este verbo sofre novo processo de *conflation* com o núcleo causativo  $v^0$ , resultando então no verbo transitivo *-mu-er* ‘nomear’.



Em (39a), o DP *tamanuwa* ‘o tamanduá’, por ser o único argumento nuclear do verbo *-er* ‘ter nome’, exerce a função de sujeito do verbo denominal. Em (39b), por sua vez, este DP passa a exercer a função de objeto, visto que um novo argumento *pro* é inserido em Spec de *vP*. Este novo DP passará a exercer a função de sujeito, conforme ilustra a configuração acima.

Portanto, assumo que as estruturas configuracionais presentes em (31) se aplicam coerentemente nos exemplos com verbos inergativos (exemplos 14 e 15), inacusativos (exemplos 18 e 19), deadjetivais (exemplos 22 e 23) e denominais (exemplos 26 e 27). Ou seja, os dados apresentados até o presente momento corroboram minha hipótese inicial de que o prefixo causativo  $\{mu-\}$  é de fato a realização fonológica do núcleo de *vP*.

### 3.2 Morfema causativo $\{-(U)KAR\}$

Como vimos na seção 2.2, o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  se afixa a verbos transitivos para inserir um terceiro argumento na predicação verbal. Para tanto, levo em consideração os exemplos a seguir.

- (40a) *u-puk*            *kaʔa*  
 3-barulhar        folha  
 “A folha barulha” (BOUDIN, 1978, p. 209)

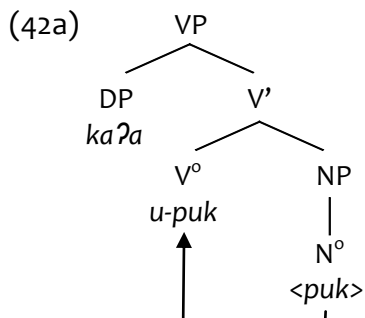
(40b) *kuzə*            *u-mu-puk*            *kaʔa*  
mulher            3-CAUS-barulhar            folha  
“A mulher faz a folha barulhar” (NUPELI, 2006)

(40c) *awa*            *u-mu-pu-kar*            *kuzə*            *ø-pe*  
homem            3-CAUS-barulhar-CAUS            mulher            c-por  
“O homem mandou a mulher fazer (a folha) barulhar” (NUPELI, 2006)

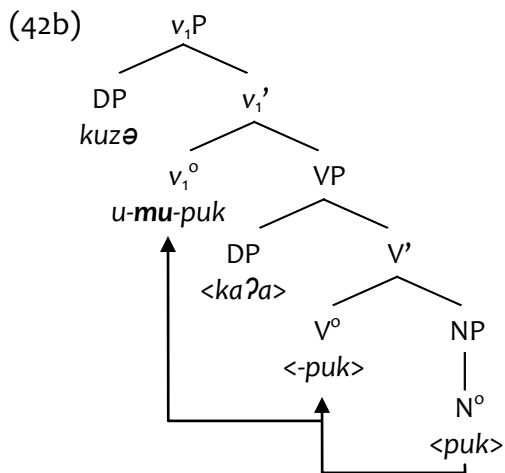
Pode-se notar nos exemplos acima que há dois processos consecutivos de causativização. O primeiro encabeçado pelo morfema {*mu*-} e o segundo nucleado pelo morfema {-(*u*)*kar*}. Para dar conta de dados como esses, seguindo a proposta da estrutura bipartida do VP de Larson (1988), temos que estipular que duas projeções vP sejam projetadas, da seguinte maneira:

- (41) i. a primeira projeção máxima  $v_1P$ , imediatamente acima do VP, tem como núcleo o morfema causativo {*mu*-};  
ii. a segunda projeção máxima  $v_2P$ , imediatamente acima do  $v_1P$ , tem como núcleo o morfema causativo {-(*u*)*kar*}.

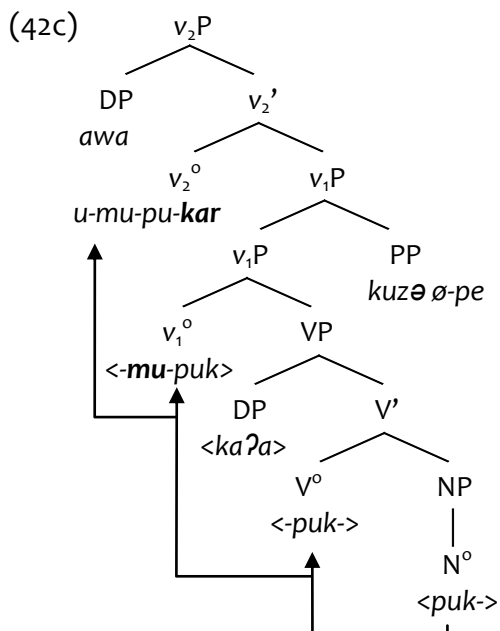
Tendo em vista os pressupostos em (41), proponho que as sentenças em (40) tenham as seguintes estruturas configuracionais em (42).



No exemplo em (40a), configurado em (42a), temos um verbo inacusativo denominal -*puk* ‘barulhar’. Ou seja, o NP *puk* se incorpora no núcleo de VP, gerando o verbo denominal. Este processo permite que o novo predicado c-selecione o DP *kaʔa* ‘a folha’. Este argumento, gerado na posição de Spec de VP, exerce a função de sujeito.



Em (40b), representado em (42b), o verbo denominal *-puk* ‘barulhar’ se incorpora ao núcleo causativo  $v_1^{\circ}$ , onde recebe o prefixo causativo {*mu-*}. Este processo de *conflation* proporciona a formação do verbo transitivo causativizado *-mu-puk* ‘fazer barulhar’. Neste contexto, um novo DP, *kuzə* ‘a mulher’, é inserido na posição de Spec de  $v_1P$ , o qual exercerá a função de sujeito. O DP *kaʔa* ‘folha’, que exercia a função de sujeito na predicação intransitiva, passará à função de objeto.



Em (40c), configurado em (42c), o verbo transitivo *-mu-puk* ‘fazer barulhar’, sofre outro processo de *conflation* com o núcleo causativo  $v_2^{\circ}$ , onde recebe o sufixo causativo {-(*u*)kar}. Este processo proporciona a formação do verbo

ditransitivo causativizado *-mu-pu-kar* ‘mandar fazer barulhar’. Comparando (42b) com (42c), em termos de estrutura argumental, o objeto *kaʔa* ‘a folha’ manterá sua função após a causativização. O sujeito *kuzə* ‘a mulher’ em (42b) será movido para a posição de objeto posposto em (42c). Por fim, um novo DP, *awa* ‘o homem’ será inserido na posição e Spec de  $v_2P$ , o qual exercerá a função de sujeito.

Portanto, proponho que as estruturas configuracionais presentes em (31) e o refinamento em (41) se aplicam adequadamente nos exemplos com verbos ditransitivos causativizados, como em (28), (29), (30) e (40). Logo, os dados apresentados neste artigo confirmam minha hipótese inicial de que, assim como  $\{mu-\}$  se realiza no núcleo de  $v_1P$ , o morfema  $\{-(u)kar\}$  é a manifestação do núcleo de  $v_2P$ . Ou seja, estes dois afixos são a realização morfológica do núcleo causativo em predicados transitivos na língua Tenetehára.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar o estatuto sintático de morfemas causativos na língua Tenetehára. Propus que  $\{mu-\}$  e  $\{-(u)kar\}$  devem ser interpretados como a realização morfológica do núcleo causativo em predicados transitivos e ditransitivos, respectivamente. Esta análise acompanhou as propostas de Larson (1988), Chomsky (1995) e Hale e Keyser (1993, 2002), segundo as quais, de modo geral, verbos transitivos de ação possuem uma estrutura bipartida com dois núcleos: um núcleo causativo e um núcleo de natureza lexical.

Adotei, durante a análise, a hipótese de que o morfema  $\{mu-\}$ , em geral, forma verbos transitivos a partir de verbos inergativos, inacusativos, deadjetivais e denominais. Nestes contextos, ocorre aumento de valência, já que um novo argumento é inserido na posição de sujeito. Semanticamente, este argumento carregará as propriedades de [+desencadeador], [+/-controle] e [-afetado]. No âmbito da estrutura bipartida, o morfema causativo  $\{mu-\}$  encabeça a primeira projeção  $v_1P$ , logo acima do VP.

Por sua vez, o morfema  $\{-(u)kar\}$  forma verbos transitivos complexos a partir de verbos transitivos simples, resultando em uma estrutura com três argumentos nucleares. O novo argumento, inserido pelo processo de causativização,



carregará as propriedades semânticas: [+desencadeador], [+/-controle] e [-afetado]. Na estrutura sintática,  $\{-(u)kar\}$  é a realização do núcleo da segunda projeção  $v_2P$ , logo acima do  $v_1P$ . O principal argumento a favor dessa hipótese advém do fato de que, em Tenetehára, um verbo intransitivo pode ser causativizado duas vezes consecutivamente. Esta proposta se comprova empiricamente nos contextos de coocorrência dos morfemas causativos  $\{mu-\}$  e  $\{-(u)kar\}$ .

## ABSTRACT

This paper aims at describing the morphological causativization in Tenetehára. It will be shown that this language displays two causative morphemes:  $\{mu-\}$  and  $\{-(u)kar\}$ . On the one hand, the prefix  $\{mu-\}$  is dedicated to causativizing intransitive predicates, such as: inergative, unaccusative, deadjectival and denominal verbs. On the other hand, transitive predicates receive the suffix  $\{-(u)kar\}$ . In sentences with these morphemes, the subject is moved to object position, and a new argument is inserted as subject. In addition, the argument which is moved receives the feature [+affected], while the subject displays the features [+trigger] and [+/-control]. In accordance with the split VP hypothesis (LARSON, 1988; CHOMSKY, 1995), my thesis is that the causative morphemes  $\{mu-\}$  and  $\{-(u)kar\}$  introduce the causative head  $v^o$ .

**Keywords:** Indigenous languages, Tenetehára, argument structure, causativization.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARSS, Andrew; LASNIK, Howard. A note on anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, v. 17, p. 347-354, 1986.

BENDOR-SAMUEL, David. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, 1972.

BOUDIN, Max H. *Dicionário de Tupí Moderno*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humana, 1978.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?* 2010. 60 f. Monografia (Bacharelado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

CARVALHO, Márcia Goretti P. de C. *Sinais de Morte ou Vitalidade? Mudanças Estruturais na Língua Tembé: contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia Oriental*. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CASTRO, Ricardo Campos. *Arquivo pessoal*. Belo Horizonte, 2010. Não publicado.

CASTRO, Ricardo Campos. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. 2007. 81 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Análise gramatical das orações da Língua Tembé*. 1997. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Coletânea de narrativas Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. 2003. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. v. 3. p. 147-162.

DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Campos. Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda.; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Orgs.). *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010. v. 2. p. 43-61.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.) *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajara. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA*, Belém, n. 4, 1995. p.

LARSON, Richard K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.

LOPES, Mario Alexandre Garcia. *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

NÚCLEO DE PESQUISA EM LÍNGUAS INDÍGENAS (NUPELI). *Corpus da língua Guajajara*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 37f. Não publicado.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do Verbo Tupi. *Letras*, v. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística tupi-guarani. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, 1984/85.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua do Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

## ANEXO

**Prefixos nominativos e absolutivos  
na língua Tenetehára**

Os sintagmas nominais em Tenetehára, assim como nas demais línguas Tupí-Guaraní, não recebem desinências de Caso para distinguir os D/NPs na função sintática de sujeito e de objeto. Estas funções são codificadas por meio da série de prefixos nominativos e absolutivos e por meio dos pronomes pessoais que, em geral, vêm proclíticos ao verbo. Estes prefixos podem ser visualizados a seguir:

QUADRO 1  
Marcadores nominativos e pronomes pessoais

PESSOAS	PRONOMES PESSOAIS INDEPENDENTES	PRONOMES PESSOAIS CLÍTICOS	PREFIXOS PESSOAIS NOMINATIVOS
eu	ihe	he	a-
nós <sub>INCLUSIVO</sub>	zane	zane	si- ~ za-
nós <sub>EXCLUSIVO</sub>	ure	ure	uru- ~ oro-
tu	ne	ne	re-
vós	pe	pe	pe-
ele	-	-	u- ~ o- ~ w-

Fonte: DUARTE, 2007, p. 44

QUADRO 2  
Prefixos pessoais absolutivos

PESSOAS	RAIZ INICIADA EM CONSOANTE	RAIZ INICIADA EM VOGAL	TRAÇO DISTINTIVO
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup>	∅-	r-	[+PESSOA]
3 <sup>a</sup>	i-	h-	[-PESSOA]

Fonte: CAMARGOS, 2010, p. 27